

Sarney quer eleger uma

Sábado, 26-4-86 — O ESTADO DE S. PAULO

grande bancada

O presidente José Sarney quer transferir sua popularidade para os candidatos da Aliança Democrática e eleger o maior número deles para a Assembléia Nacional Constituinte, de modo a fortalecer o respaldo da Nova República; a oposição entende que o prestígio presidencial é pessoal e intransferível, e por isso o PMDB e o PFL, que até pouco antes do pacote econômico se distanciavam de Sarney, não conseguirão obter dividendos — e nem deveriam tentá-lo. Essa é a divisão que agita os meios políticos em Brasília quando se fala na eleição de novembro.

O presidente Sarney, segundo nosso comentarista Carlos Chagas, não concorda com a previsão de que dificilmente poderá transferir sua popularidade e obter que ela produza resultados efetivos nas urnas de novembro. Pode, e ele já trabalha nesse sentido. Não fala, é óbvio, de conquistar votos para pessoas determinadas, mesmo candidatos a governador em Estados onde PMDB e PFL se apresentem unidos. Seu objetivo é a Aliança Democrática, porém, mais do que nas escolhas de governador, que serão uma decorrência, visa a eleição para a Assembléia Nacional Constituinte.

Não é recente a decisão de Sarney de trabalhar para a eleição do maior número possível de constituintes afinados com a Nova República e o seu governo, mas apenas de uns dias para cá ele caracterizou o objetivo e começou a atuar nesse sentido. Basta ver seus últimos pronunciamentos em várias cidades, de São João del Rey a Vitória, quando abordou a eleição e se referiu especificamente à necessidade de a Aliança Democrática conquistar ampla maioria parlamentar.

Faz algum tempo que o presidente tem conversado sobre o assunto com o chefe do Gabinete Civil, Marco Maciel. A premissa dessas conversas é de que ele não deve participar das campanhas setorialmente. Não subirá a palanques nem sairá pedindo votos para este ou aquele de seus aliados. Poderia

Mais que na eleição para governador, o presidente está de olho na Constituinte, e vai jogar seu prestígio para eleger o máximo de deputados — e respaldar a Nova República.



abrir exceção nos casos onde os candidatos a governador resultassem do entendimento entre o PMDB e o PFL, mas, como esses casos parecem cada dia mais raros, a tendência é não participar de nenhum. Acresce julgar que a figura de presidente da República deve ficar separada do dia-a-dia eleitoral, onde ele se arrisca, mesmo popularíssimo, a despertar forças contrárias e até a receber apupos.

Sarney pretende ver e jogar mais longe. Não pode deixar de dar apoio e de tentar transferir o bom momento por que passa, mas o fará, ou já vem fazendo, de maneira impessoal, pedindo o respaldo do eleitorado para os candidatos que formam na Aliança Democrática, sejam do PMDB ou do PFL.

Uma preocupação maior desponta dessa estratégia, pois, até novembro muito mais será notada a participação do presidente: a Assembléia Nacional Constituinte. O País será passado a limpo, novas estruturas políticas, econômicas e sociais serão erigidas e, mais do que tudo, importa que a Nova República disponha de ampla maioria. Não para redigir a Constitui-

ção do Sarney, ele ressalva, mas para compor um conjunto de princípios, maiores acordos com os anseios e as necessidades do País.

A transferência de prestígio pessoal, dele, e sua transformação em votos é possível, na medida em que o eleitorado se coloque a favor de candidatos que falam a mesma linguagem que a sua. O ideal é que PMDB e PFL elejam bancadas muito superiores à metade mais um dos integrantes do novo Congresso, a funcionar como Constituinte em 1987. Conquistado esse número, estarão prontas as bases para, através do diálogo e da participação, se chegar a uma Constituição capaz de virar o ano 2000 e de realizar, por seus postulados, o reencontro do Brasil consigo mesmo.

Observa-se, assim, que a Constituinte vem sendo objeto de amplas preocupações presidenciais, ao contrário do que acontece nos partidos. Já se arma, até mesmo, um quadro de previsões objetivas, no Palácio do Planalto, a partir da referida ampla maioria esperada para a Aliança Democrática. Se for do desejo do deputado Ulysses Guimarães candidatar-se à presi-

dência da Constituinte, ele terá todo o apoio de Sarney. Por direito natural, mais até do que por direito de conquista, o presidente do PMDB deve ascender à posição. Olha-se com atenção, também, para a provável grande comissão a ser composta logo no início dos trabalhos. Será ela, na realidade, que redigirá a nova Carta.

Oposição discorda

No julgamento de líderes oposicionistas, a popularidade do presidente Sarney, decorrente do êxito do pacote econômico, não beneficiará eleitoralmente nem PMDB nem PFL, que não participaram de sua elaboração até porque estavam distanciados do governo. Esses líderes recordam que o presidente e a Nova República eram alvo de críticas públicas do senador Fernando Henrique Cardoso e do então ministro da Justiça, Fernando Lyra, que chegaram a namorar com o governador Leonel Brizola e seu PDT. Ademais, muitos criticavam a formação do novo Ministério, que teria privilegiado amigos do presidente em detrimento da área esquerdista do PMDB.

“Não há dúvida de que a popularidade de José Sarney atingiu índice muito maior. Evado do que o já alcançado por qualquer presidente. Não sei, porém, se ele está em condições de transmitir, de deixá-la para algum herdeiro. O que foi feito, foi a revelia do mundo político, que precisa retomar sua posição”, sustenta Amaral Peixoto, presidente do PDS.

Irma Passoni, líder do PT: “Está feia a briga entre PMDB e PFL, cada qual querendo tirar sua lasquinha. Acho que a popularidade não se transfere, inclusive não está definido se Sarney é do PMDB ou do PFL”.

Já quem preveja, no Congresso, que o PMDB manterá a simpatia do eleitorado em novembro, mesmo porque saiu da defensiva e não terá de, nos palanques responder pelo desgaste do governo a que dá sustentação. Mas muitos apostam que o PMDB que ganhará a eleição será diferente — e bem reduzido.